



NEST Cap

PAPO DE ESTAGIO

7ª edição - 11, 12 e 13 de junho de 2025

Regências e reagências pedagógicas em Dança no 6º ano A – Colégio de Aplicação, UFPE

*Pedagogical Dance regencies and re agencies in the 6th year A – Colégio de
Aplicação, UFPE*

Anastácia Schroeder¹

José Roberto do Nascimento Junior²

Larissa Verbisck Alcantara Bonfim³

Resumo

O presente trabalho visa relatar as experiências vividas no Estágio Curricular em Ensino de Dança 2 do curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, entre junho e outubro de 2023. A regência correspondente a esta etapa de formação foi realizada no Colégio de Aplicação (CAp) da mesma universidade, na turma do 6º A, grupos 1 e 2. O conteúdo programático planejado abrangeu manifestações culturais de origem negra e indígena, como Ciranda, Capoeira e Frevo, e criações e recriações dessas danças e seus imaginários. A partir dessas temáticas, foram elaboradas dinâmicas e práticas pedagógicas lúdicas, valendo-se de recursos didáticos variados como jogos coreográficos, brincadeiras, materiais audiovisuais, dentre outros. A carga horária realizada para este componente foi de 63 horas, divididas em planejamento e elaboração de planos de aula; regências; reuniões de supervisão; observação da regência dos colegas; participação em conselho de classe e elaboração de materiais pedagógicos. A culminância desta vivência foi a apresentação de um trabalho coreográfico com base nas danças estudadas realizada pelos educandos no Teatro Milton Bacarelli (Teatrinho do CAC-UFPE), no dia 06 de outubro de 2023.

Palavras-chave: Estágio. Práticas pedagógicas. Capoeira. Frevo.

Abstract

The current work aims to report the experiences lived in the Curricular Internship in Dance Teaching 2 of the Degree in Dance course at the Federal University of Pernambuco, UFPE, between June and

¹ Mestra em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), bacharel em Biologia pela UFSC e licencianda em Dança pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: anastacia.as3@ufpe.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-9334-9014>

² Mestre em Estudos Avançados em Patrimônio Cultural, na Universidade de Jaén, Espanha. Graduado em Dança pela UFPE e Especialista em Ensino de Artes pela Universidade Cidade de São Paulo. Atua como professor de Artes no Ensino Fundamental em Igarassu, PE. E-mail: jose.rnascimentojr@ufpe.br

³ Mestra em Dança pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e bacharela e licenciada em Dança pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), docente de Dança do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Pernambuco (CAp UFPE). E-mail: larissa.bonfim@ufpe.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0530-6458>

October 2023. The regency corresponding to this stage of training was carried out at the Colégio de Aplicação (CAp) from the same university, in the 6th grade, group A, subgroups 1 and 2. The planned programmatic content covered cultural manifestations of black and indigenous origin, such as Ciranda, Capoeira and Frevo. Based on these themes, playful pedagogical dynamics and practices were developed, using varied teaching resources such as choreographic games, games, audiovisual materials, among others. The workload for this component was 63 hours, divided into planning and development of lesson plans; conducting; supervision meetings; observation of peers' conducting; participation in class councils; and development of teaching materials. The culmination of this experience was the presentation of a choreographic work based on the dances studied, performed by the students at the Milton Bacarelli Theater (Teatrinho do CAC-UFPE), on October 6, 2023.

Keywords: Internship. Pedagogical practices. Capoeira. Frevo.

Introdução

O Estágio Curricular em Ensino da Dança 2 foi realizado no Colégio de Aplicação da UFPE, instituição federal fundada em 10 de março de 1958 com o intuito de atender aos estudantes de Licenciatura em sua formação e contribuir para a formação básica e continuada de professores, como também na elaboração de novas técnicas pedagógicas e educacionais. Regularmente, desenvolve atividades de ensino do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental com um total de 8 turmas, e da 1ª a 3ª série do Ensino Médio com um total de 6 turmas.

Neste estágio, fomos alocadas para trabalhar com alunos do 6º ano cursando o componente Dança. Minha dupla e eu ficamos responsáveis pela regência com o 6º A (grupo 1), o qual tinha suas aulas de Dança nas sextas-feiras, das 07:20 às 09:00, com um grupo composto por 15 discentes.

No componente curricular Estágio 2, necessitamos cumprir 60 horas de regência, conforme estabelecido pela UFPE. Essa carga horária foi distribuída entre observação das aulas da professora efetiva da turma; reuniões de supervisão do estágio e das atividades dos estágios; reuniões de planejamento dos planos de aula com a dupla da regência; as regências específicas de cada dupla e atividades como participação em conselho de classe e elaboração de avaliação discente para discussão nos mesmos. Todas essas atividades fazem parte da regência, pois são elementos fundamentais da prática pedagógica docente, tornando-se necessário sua

Revista Cadernos de Estudos e Pesquisa na Educação Básica, Recife, v. 11, n. 2, Edição Especial, 2025.

ISSN: 2447-6943

Este artigo está licenciado sob forma de uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a publicação original seja corretamente citada.

https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



vivência pelos estagiários, professores em formação. As atividades de regência foram realizadas na sala de dança da escola, localizada no primeiro andar.

O plano pedagógico geral construído para esta experiência docente foi pautado em manifestações culturais tradicionais de matrizes negras e indígenas, como a Capoeira e o Frevo. As aulas construídas a partir dessas temáticas buscavam trabalhar os fundamentos corporais e musicais dessas manifestações, a partir de seus contextos históricos e sociais, e com um olhar lúdico, crítico e emancipatório. O objetivo principal deste relato de experiência é relatar as experiências vividas em sala de aula neste estágio de docência, de maneira a contribuir para a ampliação das práticas pedagógicas no ensino de dança na escola e na formação de futuros professores em Dança.

Anotações de Regência: Relato da Experiência

As atividades de regência iniciaram-se com uma reunião com a supervisora Larissa Bonfim, docente do componente curricular Dança do Colégio de Aplicação. Neste momento, a docente compartilhou suas experiências e vivências em sala de aula, particularidades da turma, necessidades, problemáticas e desafios. Também compartilhou o plano de ensino realizado para o 6º ano, no qual constava o seguinte tópico que será enfatizado neste relato: *Compreensão da diversidade de danças e suas práticas, com ênfase nas danças negras e manifestações afro-ameríndias*”.

Em relação ao conteúdo programático, disposto em três unidades. Na segunda unidade, constava: *Diversidade e pluralidade de Danças; Apreciação das diversas Danças Existentes*, com ênfase nas manifestações negras e ameríndias; *Grupos e Companhias de Dança no Brasil e no Mundo; Re-performance e criações inspiradas no contato com apresentações de Dança*. Na terceira unidade, encontramos: *Desenvolvimento de processos criativos em Dança; Presença cênica e engajamento com o trabalho colaborativo; Experiência de partilha com o público*.

Revista Cadernos de Estudos e Pesquisa na Educação Básica, Recife, v. 11, n. 2, Edição Especial, 2025.

ISSN: 2447-6943

Este artigo está licenciado sob forma de uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, que permite uso restrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a publicação original seja corretamente citada.

https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



A partir deste plano das atividades regulares do componente Dança, elaborado para acontecer durante todo o ano letivo de 2023, planejamos e construímos nossos próprios planos de ensino. Primeiramente, cada dupla elaborou um plano pedagógico geral, com conteúdo programático a ser desenvolvido durante todo o período de regências de estágio. Como a ênfase do componente eram as danças negras e indígenas, minha dupla de regência e eu, pensamos em trabalhar a Capoeira e o Frevo. Isto porque são manifestações de origem negra, com um histórico de luta do povo preto e indígena, que acompanha a formação dos territórios em nosso país e da resistência dos povos oprimidos que sobreviveram e sobrevivem às mazelas coloniais. Assim, não apenas são técnicas que movimentam o corpo em busca da manifestação da virtuosidade e do “belo”, mas ensinam sobre aspectos históricos, políticos, sociais, econômicos e afetivos de nossa sociedade.

Nesse sentido, Marques (2020) defende que não basta apenas denunciar a universalização das formas de saber demarcadas pela supremacia da razão patriarcal, colonialista e capitalista, que aprisiona a arte e o ensino em “grades curriculares”. Urge, segundo a autora, “repensarmos as salas de aula de dança como lugares que desconstruam privilégios e atuem explicitamente dentro de uma perspectiva antissexista, antirracista, não heteronormativa e com bases não capitalistas (Marques, 2020, p.5). Indo além, a professora e pesquisadora Cavalcante (2019) defende que o ensino do Frevo (e aqui compreendo também o ensino da Capoeira) na Educação Básica pode contribuir para o reconhecimento identitário e ancestral dos estudantes, como também construir laços de afetividade, autoconhecimento corporal, regulação emocional, desenvolvimento artístico e criativo e resgate social de situações de violência.

Assim, a partir das potências educativas e decoloniais evidenciadas nessas manifestações, inicialmente esboçamos um cronograma onde realizaríamos nove regências divididas em: três aulas voltadas à Capoeira; três aulas voltadas ao Frevo; três aulas para composição coreográfica final e ensaios. Projetamos, neste plano pedagógico geral, trabalhar os aspectos e contextos sócio-históricos dessas

Revista Cadernos de Estudos e Pesquisa na Educação Básica, Recife, v. 11, n. 2, Edição Especial, 2025.

ISSN: 2447-6943

Este artigo está licenciado sob forma de uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a publicação original seja corretamente citada.

https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



manifestações; seus fundamentos corporais e musicais; suas possíveis relações com ações corporais; processos criativos e investigativos envolvendo estes fundamentos; além de uma montagem coreográfica final, como partilha do que construímos no decorrer de nossa regência.

Entre Gingas e Mandingas: A Capoeira como prática pedagógica em Dança

A capoeira, arte, dança, luta e brincadeira de origem afro-indígena, é uma manifestação cultural sustentada em valores como oralidade, ancestralidade, coletividade e resistência, tendo em seu histórico, fundamentos e estética um universo de potências pedagógicas e educativas.

A partir disso, buscamos em nosso planejamento de aulas, retomar o histórico do processo colonial escravagista e suas reverberações na atualidade; a importância da Capoeira como manifestação de luta e resistência perante este sistema; fundamentos corporais como a ginga, golpes básicos e a mandinga; fundamentos musicais com base nos três toques principais: Toque de Angola, São Bento Grande e São Bento Pequeno, como também trazer e aproximar os instrumentos musicais utilizados para os estudantes. Também introduzimos a figura do Mestre/Mestra de Capoeira, acervos vivos e detentores desses saberes ancestrais, e os fundamentos da Roda, que representam a circularidade, o tempo espiral e a importância do viver em coletivo.

Sempre pensamos em nossas reuniões de planejamento de aula, como construir uma prática de maneira lúdica, dinâmica e acessível cognitivamente e afetivamente aos estudantes. Além disso, que tivesse um caminho de desenvolvimento coeso e relacional. Assim sendo, para as aulas relacionadas à capoeira, iniciamos a preparação corporal com base na brincadeira do “Pega-congela”, muito comum na infância das crianças pernambucanas e do Brasil em geral.

No entanto, esta foi adaptada à Capoeira: Os “Pegas” seriam os capitães do mato, e os demais, os capoeiras, que fugiam dos mesmos em busca da liberdade dos

Revista Cadernos de Estudos e Pesquisa na Educação Básica, Recife, v. 11, n. 2, Edição Especial, 2025.

ISSN: 2447-6943

Este artigo está licenciado sob forma de uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a publicação original seja corretamente citada.

https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



quilombos. Neste momento, podemos introduzir aspectos históricos da manifestação, como também alguns golpes e movimentações, como a meia lua de frente e a “cocorinha”. Após essa brincadeira, fazíamos uma preparação corporal mais específica, utilizando alongamentos dinâmicos e exercícios que promovessem consciência corporal através das articulações, como também exercícios relacionados à manifestação que trabalharíamos no dia, neste caso, a capoeira.

Posteriormente, introduzimos a Ginga, princípio básico de movimentação, através da colagem de pontos de triângulos no chão com fita crepe. Esta dinâmica foi efetiva, pois alternávamos as bases do movimento e os alunos podiam experimentar diferentes formas de gingar, mudando a velocidade, usando transferência de peso e modificando direções. A proposta foi muito eficiente para mostrar a mecânica do movimento, que serve como base para o aprendizado de todos os demais golpes e movimentos. Após este momento, introduzimos o instrumento do Berimbau, o que gerou curiosidade e aproximação das crianças. Mostramos os diferentes toques, e fizemos uma roda para que os alunos solfejassem com a boca o ritmo de cada toque (Ex: Tim tim don tim, tim tim don tim).

Em sequência, fizemos a proposta de trabalhar os diferentes níveis de movimentação no espaço (baixo, médio e alto), relacionando-os aos toques do berimbau (Toque de Angola, São Bento Pequeno e São Bento Grande), com uma leve semelhança à brincadeira “Morto-Vivo”. Neste momento, porém, os alunos se dispersaram, mostraram-se cansados e indispostos, ao se movimentar e investigar pouco. Percebemos que esta turma tem como característica identificar-se mais com a discussão de conceitos e ideias do que engajar-se de modo constante e efetivo em todas as propostas corporais solicitadas.

Apesar dessas questões, consideramos que a primeira aula foi muito efetiva e conseguimos trabalhar diversos fundamentos em um momento inicial. Já na segunda regência, mantivemos a parte inicial da aula e planejamos introduzir mais movimentações e floreios de Capoeira. Neste dia, também propomos uma montagem coreográfica em grupos, no número de três ao total. Pedimos para que relacionassem



às ações corporais trabalhadas anteriormente com Larissa aos golpes de capoeira, criando assim uma célula coreográfica. A tessitura dessas relações pode potencializar os repertórios corporais que os discentes já possuíam, ampliando suas ferramentas corporais e aproximando-os de uma corporeidade representativa de nossas raízes culturais locais.

Eles se mostraram autônomos e criativos, compondo sozinhos uma sequência. Nós apenas orientávamos, fazendo algumas sugestões. Ao final, cada grupo apresentou sua célula coreográfica e fizemos uma apreciação crítica. Cada estudante pode falar o que achou da experiência e também exercer sua crítica perante si e aos demais. Foi notável a capacidade de argumentação e pontuação das necessidades e opiniões de estudantes, que o fizeram de maneira assertiva e pontual.

Para finalizar este conteúdo programático, planejamos trazer instrumentos musicais da capoeira e trabalhar o fundamento damusicalidade em conjunto com aspectos corporais. Trouxemos caxixi, agogô, berimbau e pandeiro. No intuito de trabalhar as relações entre corpo, som e movimento, propomos uma dinâmica “Títere-Marionete”: um dos alunos seria o Mestre, que tocava um dos instrumentos, enquanto os outros seriam como marionetes, que moveriam o corpo a partir do som. Neste momento, fizemos demonstrações junto a Larissa sobre o processo. Porém, poucos alunos de fato se entregavam à proposta, permitindo investigar os possíveis efeitos de condução do movimento através dos estímulos sonoros realizados pelo colega a tocar.

Nesta aula também tentamos passar um vídeo de capoeira sobre a Mestre Di e o Centro de Capoeira Luz Di Angola de Olinda. No entanto, tivemos problemas técnicos e esta atividade não aconteceu. Iríamos finalizar escutando uma ladainha de capoeira e fazendo uma roda. A ladainha que escolhemos foi “Dona Isabel”, de Mestre Toni Vargas (2019), que faz críticas à abolição da escravatura e foca na luta e resistência do povo preto na história da sociedade brasileira:

[...] Dona Isabel que história é essa? Dona Isabel que história é essa Oi, ai, ai! De ter feito abolição? De ser princesa boazinha que libertou a escravidão!

Revista Cadernos de Estudos e Pesquisa na Educação Básica, Recife, v. 11, n. 2, Edição Especial, 2025.

ISSN: 2447-6943

Este artigo está licenciado sob forma de uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a publicação original seja corretamente citada.

https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



tô cansado de conversa, tô cansado de ilusão! Abolição se fez com sangue, que inundava este país. Que o negro transformou em luta, cansado de ser infeliz! Abolição se fez bem antes, e ainda há por se fazer agora! Com a verdade da favela, e não com a mentira da escola. Dona Isabel chegou a hora, de se acabar com essa maldade. De se ensinar aos nossos filhos, o quanto custa a liberdade. Viva Zumbi nosso rei negro, que fez-se herói lá em Palmares, viva a cultura desse povo, a liberdade verdadeira” Que já corria nos Quilombos, e já jogava capoeira [...] (Mestre Toni Vargas).

Nós escutamos a ladainha e depois sentamos em roda para conversar sobre ela. Gerou grandes repercussões e discussões. Os alunos trouxeram argumentos consistentes e embasados historicamente, demonstrando conhecimento sobre questões de raça no Brasil e sobre o racismo, a branquitude e os privilégios de pessoas brancas. Alguns fizeram comentários sobre as pessoas mesmo não negras terem sangue de diversas origens étnicas, e então, fizemos intervenções sobre o privilégio branco e sobre como a cor da pele faz com que pessoas sejam lidas de maneiras diferentes e ocupem espaços sociais distintos.

A discussão tomou um tempo maior que o esperado, e assim não foi possível realizar a roda da capoeira em si, mas, de toda forma, foi imprescindível realizar esse debate, demonstrando o potencial crítico e político da manifestação cultural da capoeiragem. A Mestre de Capoeira e pesquisadora Janja (Araújo, 2015), discorre que a prática da Capoeira pode contribuir para o reconhecimento positivo de pensar a África e os africanos, reforçando nos imaginários de seus praticantes valores ancestralmente construídos pelas civilizações dominadas. Além disso, a autora afirma que podemos aprender com essa tradição “críticas ao modelo hierárquico da sociedade brasileira frente às diversas vias de construção da cidadania” (Araújo, 2015, p. 39).

Desta maneira, tais práticas são potentes para que os alunos repensem seus contextos, direitos e privilégios, como também para lutar por direitos humanos e por uma revolução social que venha demolir as estruturas coloniais e racistas de nossa sociedade. Isso também nos lembra da importância da Lei nº 11.645 (Brasil, 2003) no contexto escolar brasileiro, que torna obrigatório o estudo da história e da cultura indígena e afro-brasileira nas escolas públicas e privadas.

Revista Cadernos de Estudos e Pesquisa na Educação Básica, Recife, v. 11, n. 2, Edição Especial, 2025.

ISSN: 2447-6943

Este artigo está licenciado sob forma de uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a publicação original seja corretamente citada.

https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



Da Munganga ao Passo: Potencialidades do Frevo no Ensino de Dança

Como finalização de nossa prática docente, adentramos a etapa da regência em que iríamos trabalhar a manifestação cultural da Dança Frevo. Nesta unidade, buscamos tecer relações históricas com a Capoeira e com o povo preto recifense; ensinar passos básicos do Banco de Passos de Mestre Nascimento do Passo; Investigar memórias e histórias dos estudantes quanto às diferentes maneiras de Dançar Frevo (Passista Ginasta, Cinquentão, Munganga, etc); e introdução ao elemento sombrinha de Frevo.

Para a primeira regência relacionada a esta temática, pensamos em um aquecimento e preparação articular relacionados à metodologia de Nascimento do Passo, enfocando as principais articulações usadas para dançar frevo. Desde este momento inicial, já introduzimos os fundamentos de “ponta de pé – calcanhar”, e movimentações corporais contralaterais, muito utilizadas no Frevo. Realizamos, inicialmente, uma dinâmica com uma “caixa-misteriosa”, onde se encontravam ferramentas de trabalho do cotidiano que deram origem a alguns passos de Frevo, como parafusos, martelo, tesoura, ferrolho, dobradiça, etc.

Passamos a caixa fechada para os alunos adivinharem o que estava dentro. Ao abrir, eles já falaram que aqueles objetos estavam relacionados ao Frevo. Nós mostrávamos os objetos e perguntávamos como seu funcionamento e a mecânica de utilização dos mesmos estava relacionado aos passos. Os alunos demonstraram corporalmente como achavam que se realizavam tais passos, alguns acertando, e outros mostrando movimentos que se assemelhavam ao nome do objeto. Explicamos a origem histórica desses nomes, dados por trabalhadores de diversos ofícios, geralmente capoeiristas, que brincavam, abriam e protegiam as troças de carnaval nas ruas. Devido às suas atuações de trabalho, muitos passos de Frevo possuem nomes de objetos utilizados em seu labor. Posteriormente a esta dinâmica, que foi interativa, captando a atenção de toda a turma, fizemos algumas sequências com passos básicos de Frevo.

Revista Cadernos de Estudos e Pesquisa na Educação Básica, Recife, v. 11, n. 2, Edição Especial, 2025.

ISSN: 2447-6943

Este artigo está licenciado sob forma de uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a publicação original seja corretamente citada.

https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



Neste momento, pudemos notar que muitos alunos tinham grande dificuldade em fazer passos básicos como a tesoura, de entender lateralidade e contralateralidade, como também de utilizar os fundamentos como ponta de pé e calcanhar e incorporá-los. Assim, necessitamos ficar quase a aula toda apenas no movimento da tesoura, indo de grupo em grupo, auxiliando e corrigindo. Assim, a prática tornou-se cansativa e muitos estudantes foram perdendo o interesse.

Essa resposta, por parte dos discentes, me fez pensar na necessidade de elaborar uma estratégia pedagógica de ensino dos passos. Assim, na aula seguinte, pedi para que os estudantes se posicionassem de frente para o quadro branco e marcassem três pontos imaginários em fila no chão, paralelos ao seu tronco, escolhendo cores diferentes para cada um deles. Pedi para que dessem um pequeno salto cruzando as pernas no ponto do centro. Depois, indiquei que pisassem no ponto à direita do centro, e colocassem o calcanhar no ponto à esquerda, apontando para a parede oposta. Este fracionamento vai ao encontro do proposto por Vicente (2015), quando a autora pondera que “o aprendizado da dança pode estar também na transformação dos movimentos, no estudo de diferentes dinâmicas possíveis e também de sua realização com diferentes intenções e emoções” (Vicente, 2015, p. 52). Lentamente, fomos destrinchando o passo da tesoura e a turma toda foi assimilando sua mecânica.

Após relembrar os passos que havíamos introduzido na aula anterior, introduzimos o elemento da sombrinha de Frevo, na proposta de realizar jogos coreográficos de criação cênica. A proposta era que um aluno pegasse a sombrinha e se posicionasse no espaço, fazendo uma pausa relacionada ao Frevo e permanecendo nesta posição. Os demais alunos correriam até ele/ela, e fariam uma composição em conjunto com a imagem dele/dela. Assim, o grupo formaria uma imagem/foto. Posteriormente, outro estudante retira a sombrinha da mão da/do colega e se posiciona em outro local no espaço em uma pose diferente, dando continuidade ao jogo.



Os estudantes demonstraram grande empolgação neste momento, explorando sua criatividade e fazendo poses divertidas e engraçadas. Essa dinâmica, assim como a dos instrumentos musicais, utilizada na unidade temática da Capoeira, foram incorporadas na sequência coreográfica final a ser apresentada no dia 06 de outubro de 2023 no Teatro Milton Bacarelli, o Teatrinho do Centro de Artes e Comunicação – CAC(UFPE).

Por fim, mostramos vídeos de diferentes pessoas dançando Frevo: um passista que dançava nos moldes dos “ginastas do passo”; um passista que dançava o Frevo Cinquentão, e um vídeo dos Guerreiros do Passo, no qual Mestre Limão interpreta o bêbado, valendo-se muito das brincadeiras de equilíbrio e desequilíbrio para dar vida e dramaturgia ao seu personagem. Após a apreciação e fruição destes vídeos, introduzimos a dinâmica pedagógica final: mostramos vários papéis dobrados, nos quais estavam escritos diferentes personagens da Dança Frevo: o Ginasta do Passo, o Mungangueiro Cinquentão, o Capoeirista e o Bêbado.

Pedimos aos alunos para que cada um pegasse um papel e interpretasse o personagem, com base em suas memórias, vivências e experiências no carnaval, com a família, e com o que já haviam visto ou praticado sobre Frevo, em nossas aulas e nas suas vidas. Quando a música começava a tocar, eles se moviam, e quando parava, um novo papel era sorteado. Ao final, alguns alunos demonstraram os seus personagens para o resto da turma adivinhar quais eram. Esta proposta permitiu que eles explorassem a improvisação e criação em dança sem executar passos pré-estabelecidos, mas a partir de suas vivências e memórias e também do imaginário social relacionado à dança Frevo. Tal proposta assemelha-se ao que propõe Marques (2010, apud Vicente, 2015), quando afirma que repertórios de dança não são fixos ou rígidos, mas sim mutáveis, mediados pelas leituras das pessoas que o dançam, de seus diretores, coreógrafos, e rearranjados a partir de cada espaço de tempo e lugar que são dançados e vistos. Além disso, o jogo coreográfico a partir da linguagem da dança é uma “possibilidade de dar luz a genuínas expressividades” (Lambert, 2010, p. 56).

Revista Cadernos de Estudos e Pesquisa na Educação Básica, Recife, v. 11, n. 2, Edição Especial, 2025.

ISSN: 2447-6943

Este artigo está licenciado sob forma de uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a publicação original seja corretamente citada.

https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



Nossas últimas três aulas foram utilizadas para a montagem coreográfica da apresentação e ensaio. Planejamos a sequência com base nos conteúdos programáticos abordados e nas propostas e dinâmicas trabalhadas em sala de aula. Este foi um momento desafiador, devido ao curto espaço de tempo que tínhamos disponível e pela quantidade de cenas. Apesar disso, os estudantes se comprometeram com o processo, mostrando-se participativos, autônomos e responsáveis pela criação coletiva. A partilha final do espetáculo pode contribuir para o reconhecimento da linguagem Dança enquanto Arte e para que os estudantes valorizassem seu processo de aprendizado dos conteúdos durante o semestre.

Considerações Finais

De maneira geral, os estudantes responderam bem às propostas realizadas em nossa regência, interagindo e engajando nas atividades. Acredito que conseguimos construir um caminho coeso e conectado entre as aulas, de maneira a aprofundar os conhecimentos e fundamentos trabalhados nas aulas anteriores. A experiência do estágio contribuiu muito para minha formação docente, pois tinha tido poucas experiências com crianças na área de dança no ensino escolar. Estar em sala de aula com o sexto ano foi um desafio positivo que me estimulou a buscar estratégias didáticas e me tornar pedagogicamente inventiva, buscando soluções para desafios que surgiam no decorrer das aulas e eram apresentados pelo grupo.

Também foi interessante buscar e construir materiais pedagógicos para as dinâmicas e jogos coreográficos realizados em sala de aula, onde buscamos alternativas viáveis para a carência de recursos materiais e financeiros. Com certeza, pelo caráter prático, foi a disciplina mais proveitosa do semestre e a que fez mais sentido para mim, pois realmente nos colocamos no lugar de exercer a docência, que vai para além das teorias e textos que estudamos e nos debruçamos intelectualmente. Pude realmente notar que o “ser professora” necessita perseverança, coragem e de constante reinvenção, exercendo a capacidade de renovação diária de maneira

Revista Cadernos de Estudos e Pesquisa na Educação Básica, Recife, v. 11, n. 2, Edição Especial, 2025.

ISSN: 2447-6943

Este artigo está licenciado sob forma de uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a publicação original seja corretamente citada.

https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



criativa e amorosa. Desta maneira, faço conexões com o conceito de Isabel Marques (2014), enquanto professores (docentes) somos também artistas e pesquisadores.

Por fim, a Capoeira e o Frevo demonstraram ser manifestações ricas em suas potencialidades pedagógicas para o Ensino de Dança, trabalhando não apenas aspectos físicos e corporais, desenvolvendo capacidades motoras, cognitivas e sensoriais, mas também ampliando sua reflexão de maneira crítica e politizada perante a sociedade e os contextos que vivem, contribuindo assim para sua formação humana e emancipação social.

Referências

ARAÚJO, Rosângela Costa. **É preta kalunga: a capoeira angola como prática política entre os angoleiros baianos: anos 80-90**. Rio de Janeiro: MC&G, 2015

BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Portal da Legislação, Brasília, mar.2008. Disponível em:https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em 18 de julho de 2023.

CAVALCANTE, L. **Frevo na escola: uma pesquisa de corpo e dança-educação**. Manzuá: Revista de Pesquisa em Artes Cênicas, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 13, 2019. DOI: 10.21680/2595-4024.2019v2n1ID18402. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/manzua/article/view/18402>. Acesso em: 1 maio. 2025.

LAMBERT, Marisa Martins. **Expressividade cênica pelo fluxo percepção/ação: o sistema Laban/Bartenieff no desenvolvimento somático e na criação em dança**. 2010. 277 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, SP

MARQUES, Isabel. **O artista/docente: ou o que a arte pode aprender com a educação**. Ouvirouver, Uberlândia, v. 10, n. 2, p. 230 – 239, 2014.

Revista Cadernos de Estudos e Pesquisa na Educação Básica, Recife, v. 11, n. 2, Edição Especial, 2025.

ISSN: 2447-6943

Este artigo está licenciado sob forma de uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a publicação original seja corretamente citada.

https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



MARQUES, Isabel. **A dança no contexto e os novos contextos da dança**. In SANTAELLA, Lúcia e MOTA, Eversosn (orgs.). **Dança sob o signo do múltiplo**. Barueri: Estação das Letras e Cores, 2020.

VARGAS, Mestre Toni. **Dona Isabel**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NIU2daD9HY4>. Acesso em 30 de setembro de 2023.

VICENTE, Valéria e SOUZA, Giorrdani. **Frevo para aprender e ensinar**. Olinda: Editora da Associação Reviva; Recife: Editora da UFPE. 2015

Revista Cadernos de Estudos e Pesquisa na Educação Básica, Recife, v. 11, n. 2, Edição Especial, 2025.

ISSN: 2447-6943

Este artigo está licenciado sob forma de uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a publicação original seja corretamente citada.

https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR

